

“Eles têm uma curiosidade muito grande em saber o que a menina tem e o que o menino tem”: a descoberta da sexualidade entre crianças da educação infantil

“They have a very great curiosity to know what the girl has and what the boy has”: the discovery of sexuality among children in child education

Josiane Peres Gonçalves*
Crislaine Aragão Teles Santos**

Resumo

O objetivo do estudo é identificar as representações sociais da comunidade escolar sul-mato-grossense sobre a descoberta da sexualidade na infância. A coleta de dados foi realizada em uma instituição pública de educação infantil sul-mato-grossense com os seguintes participantes: um pai, uma avó e duas mães de crianças, além de uma professora e uma gestora escolar. Os resultados da pesquisa evidenciam que as representações sociais predominantes são de que a sexualidade está presente na vida das crianças e, por tal motivo, é importante que seja trabalhado na escola, embora alguns familiares acreditem que deve ter uma idade específica, que não corresponde com a etapa da educação infantil. Na instituição investigada, existem algumas práticas educativas para sanar as dúvidas das crianças, como dar banho em bonecas e bonecos com genitais, para mostrar as diferenças entre os corpos feminino e masculino, além de dar banho em bebês da creche, para também mostrar as diferenças e então sanar as dúvidas de crianças pré-escolares. Tais práticas têm a intenção de contribuir com a formação das crianças de forma clara e objetiva, sem repreensão ou desaprovação, principalmente quando elas demonstram dúvidas ou curiosidades em relação à sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade. Representações Sociais. Criança.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com Pós-Doutorado pela mesma instituição; Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS), Brasil. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação; E-mail: josianeperes7@hotmail.com

** Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil; E-mail: crislainearagao_santos@hotmail.com

Abstract

The objective of the study is to identify the social representations of the school community in Mato Grosso do Sul on the discovery of sexuality in childhood. Data collection was carried out in a public institution for early childhood education in Mato Grosso do Sul with the following participants: a father, a grandmother and two mothers of children, in addition to a teacher and a school manager. The results of the research show that the predominant social representations are that sexuality is present in the lives of children and, for this reason, it is important that it is worked at school, although some family members believe that it must be a specific age, which does not correspond with the stage of early childhood education. In the institution investigated, there are some educational practices to address children's doubts, such as bathing dolls and dolls with genitals, to show the differences between the female and male bodies, in addition to bathing babies in the daycare center, to also show the differences and then address the concerns of preschool children. Such practices are intended to contribute to the education of children in a clear and objective manner, without reprimand or disapproval, especially when they demonstrate doubts or curiosities regarding sexuality.

Keywords: Sexuality. Social Representations. Kid.

Introdução

O presente estudo aborda sobre a descoberta da sexualidade na infância, mais especificamente em crianças de educação infantil, e, para melhor compreender essa realidade, torna-se importante analisar, primeiramente, o que se entende por sexualidade, para então relacioná-la com o período da infância.

Nesse sentido, Bíscaro (2009, p. 39) considera que “[...] a sexualidade faz parte do nosso cotidiano sob diferentes formas de ser e de estar no mundo, apresentando-se como um processo não estático, ou seja, em constante movimento”. Para Louro (1998, p. 88), “[...] a sexualidade tem a ver com o modo como as pessoas vivem, seus desejos e prazeres, têm a ver, portanto, com a cultura e a sociedade, mais do que com a biologia”. A dimensão cultural também é destacada por Rodrigues e Wechsler (2014, p. 90), por entender que a sexualidade vai além do ato sexual em si, visto que se encontra marcada pela história, cultura e ciência, a qual inclui os afetos e sentimentos de cada sujeito.

É possível notar que de acordo com os autores a sexualidade se manifesta de diferentes formas em cada pessoa, e de acordo com a cultura que cada criança esta inserida, ela já nasce com o ser humano e se manifesta dia após dia em um processo gradual desde quando a criança nasce até a velhice e morte, por esse motivo a sexualidade não pode ser controlada, e sim apresentada como algo comum na vida de todos.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) considera que a sexualidade “[...] tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutora, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos” (BRASIL, 1998, p. 17).

Se a sexualidade está relacionada com o prazer e não somente com a reprodução da espécie humana, é plausível compreender que se inicia na infância e não somente na adolescência ou idade adulta, conforme destaca Freud (1926, p. 3): “Parece, no entanto, que a vida sexual da criança costuma expressar-se numa forma acessível á observação por volta dos três ou quatro anos de idade”. Ou seja, o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, já no início do século XX, reconheceu a existência da sexualidade durante a infância e, no Brasil, os

Parâmetros Curriculares de Educação (PCNs) propõe que “A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância” (BRASIL, 1997, p. 296).

Apesar de a sexualidade ser inerente ao ser humano, e estar presente desde o seu nascimento, em geral a temática é vista socialmente como um tabu e os adultos costumam ter dificuldades para conversar sobre o assunto, mesmo quando as crianças demonstram algum tipo de curiosidade. É comum ocorrer de as famílias decidirem precocemente o que será ou não falado sobre sexualidade com seus filhos, o que é certo ou errado, sempre se baseando em suas crenças e perspectivas, causando uma barreira quando algumas indagações são feitas já durante a infância. Dessa forma, muitas vezes costuma acontecer situações de as crianças estarem em fase de descoberta e não terem supridas suas curiosidades, por serem consideradas precoces de acordo com a faixa etária.

No entanto, Rodrigues e Wechsler (2014) apontam que é necessário haver um processo de educação sexual desde o nascimento, de forma a contribuir com o processo de desenvolvimento infantil, embora muitas vezes os adultos não contribuem para a compreensão da sexualidade por parte da criança que encontra-se em fase de descoberta.

A educação sexual acontece desde o nascimento da criança, aonde ela vai absorvendo informações de seu meio. Pode-se dizer que a maioria dos conhecimentos passados pelos pais são indiretos, ou seja, eles não têm conhecimento de que o fazem, e assim o sujeito constrói a sua percepção sobre a sexualidade (RODRIGUES, WECHSLER, 2014, p. 91).

Diante do exposto, é possível afirmar que a sexualidade é inerente ao ser humano e ela irá se manifestar de uma forma ou de outra, inclusive nas escolas, evidenciando que é preciso que haja profissionais capacitados para lidar com essa situação, de forma a atender as necessidades ou curiosidades das crianças, mas sem colocar como base as crenças infundadas do educador. Assim, “É esperado que a educação sexual nas instituições transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do aluno, ajudando-o a aprofundar e refletir sobre a forma como a sexualidade se apresenta em sua cultura” (RODRIGUES; WECHSLER, 2014, p. 90).

Quanto ao processo de educação sexual em âmbito educacional, Cesar (2009) analisa que as primeiras experiências formais e sintetizadas de educação sexual nas escolas aconteceram nos anos de 1960, no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e foram extintas após o início dos governos militares.

“No início da ditadura militar, em 1965, uma portaria do secretário de Estado dos Negócios da Educação do Estado de São Paulo proibiu professores do ensino secundário, em especial os de Biologia e de Sociologia, de exporem nas escolas sobre a sexualidade e sobre a contracepção” (WEREBE, 1998, p. 174).

Contudo, a Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 de 11 de agosto de 1971 apresenta no artigo 7º que será obrigatório a inclusão de programas de saúde na educação, no 1º e 2º grau, abre-se então uma oportunidade para se tratar da sexualidade nas escolas (BRASIL, 1971). Ao abordar sobre a sexualidade em âmbito escolar, os PCNs consideram que:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela (BRASIL, 1997, p. 292).

Durante o período em que estão na educação infantil, por volta de três ou quatro anos de idade, as crianças estão na fase da descoberta e curiosidade, em relação ao seu corpo, da diferença entre meninos e meninas, gênero e etc, e tal aspecto pode ser percebido nas escolas constantemente, pois é nesse espaço educativo que a criança tem contato com as outras da mesma faixa etária, que também demonstram as mesmas curiosidades. Assim, seja nas brincadeiras e até mesmo na rotina escolar, como no banho e momento de higienização, pode acontecer de a criança demonstrar interesse em conhecer o corpo do outro, para entender as diferenças, inclusive de gênero (corpo de menina e de menino). Nesse sentido, Nunes e Silva (2000, p. 55) afirmam que: “Querer olhar os produtos do seu corpo, os próprios órgãos e interessar-se pela genitália dos companheiros são comportamentos naturais, que requerem a compreensão e intervenção natural do adulto com vista à separação do sexíssimo e dos estereótipos sexuais”.

A sexualidade infância, em sua singularidade, acontece independentemente do reconhecimento que possa ter de suas dimensões, as crianças têm suas necessidades próprias são curiosas, criativas, detentoras de saberes próprio. De acordo com os PCNs em orientação sexual:

As manifestações da sexualidade infantil mais frequente acontecem na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas e músicas jocosas que se referem ao sexo, nas perguntas ou ainda na imitação de gestos e atitudes típicos da manifestação da sexualidade adulta (BRASIL, 1998, p. 300).

A escola como instituição, onde a criança passa quase sempre mais da metade de seu dia é responsável também por proporcionar esse conhecimento às crianças, buscando meios de ensinar sobre sexualidade, assim como tantos outros temas que se aprende nela. No entanto, deve capacitar os professores para isso, de tal forma que ele trabalhe isso na sala de aula de forma clara e sucinta, trazendo aos alunos informações adequadas de acordo com a faixa etária deles e suas curiosidades, respeitando assim o tempo de cada criança, não impondo seus pontos de vista, mais auxiliando no que for necessário para um bom entendimento, pensando pelo fato, de que uma boa base desse assunto pode então formar adultos com mais conhecimento e talvez menos tabu, para falar de um assunto que faz parte do nosso dia-a-dia.

Para Sayão (1997, p. 101), “[...] são os professores que terão que contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade, isto devido à proximidade entre professor e aluno no contexto escolar”. Também Rodrigues e Wechsler (2014, p. 92) salientam que “É esperado que a educação sexual transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando a percepção do mundo do aluno, e ajudando-o a aprofundar e refletir sobre suas opiniões”.

Nesse sentido, podemos perceber o quão é importante o professor juntamente com a escola ter uma boa carga de conhecimento, e estar preparados para falar de sexualidade na sala de aula, independentemente da idade dos alunos, deixando esse assunto o mais claro e confortável possível para ser discutido, um professor bem preparado pode cessar dúvidas momentâneas que talvez seja pequena e simples no momento, mais que são necessárias serem sanadas para um bom aprendizado dessa criança.

Segundo Suplicy (1995, p. 11), “É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades”. Desse modo, os PCNs consideram que a escola “[...] deve oferecer um espaço que tenha a finalidade de esclarecer dúvidas, contribuindo para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem na aprendizagem dos conteúdos escolares transmitidos” (BRASIL, 1997, p. 292).

Entretanto, nem sempre a iniciativa da escola em trabalhar sobre temáticas inerentes à sexualidade é vista como adequado, por parte da comunidade escolar, devido aos tabus relativos à temática ou ainda por se entender que a infância não é a fase da vida mais adequada para conversar sobre a sexualidade. Tais pressupostos são entendidos como representações sociais, que são construídas em determinados contextos culturais e que continuam sendo reproduzidos pelas novas gerações. Para Oliveira, Pontes, Gomes e Salgado (2009, p. 818), a representação social é “[...] composta por um conjunto de informações, crenças, valores e atitudes, acerca de um objeto social, e pode ser organizada, estruturada e constituída num sistema sociocognitivo”.

Uma das formas de representações sociais que ainda predomina sobre a infância na atualidade, é de que as crianças são puras, inocentes e angelicais e, por esse motivo, não devem ser associadas com a ideia de sexualidade (GONÇALVES; MATHIAS, 2017). Nesse caso, é entendido que não deve transmitir algumas informações que possam interferir ou até mesmo destruir a pureza infantil. Consequentemente, quando se fala de sexualidade na fase da infância, muitos adultos encaram como se fosse algo que não existisse, porém, como foi mencionado anteriormente, a sexualidade é inerente ao ser humano e se faz presente desde o nascimento (BRASIL, 1998).

Ao abordar sobre a influência das representações sociais, Moscovici (1973), considerado o pai da referida teoria, destaca que:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos [...] elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta [...] é alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado (MOSCOVICI, 1973, p. 26-27).

Tendo em vista que as representações sociais interferem no comportamento das pessoas, entende-se que é importante identificá-las, inclusive em âmbito escolar, pois deverão interferir na atuação e prática docente. Sendo assim, o presente estudo teve por objetivo

identificar as representações sociais da comunidade escolar sul-mato-grossense sobre a descoberta da sexualidade na infância.

Metodologia

Para a realização da investigação, além do referencial teórico apresentado, foi realizada também uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa, em uma instituição pública de educação infantil, de um município do interior do Estado de Mato Grosso do Sul. Ao refletir sobre a pesquisa qualitativa, Martins (2010, p. 63) salienta que:

[...] descreve-se e determina-se com precisão conceitual rigorosa a essência genérica da percepção ou das espécies subordinadas, como a percepção da coisalidade, etc. Mas a generalidade mais elevada está na experiência em geral, no pensamento em geral, e isto torna possível uma descrição compreensível da natureza da coisa.

Esse tipo de pesquisa permite ao pesquisador se envolver com as experiências dos participantes, de forma interpretativa, buscando entender além do que é falado, mas tendo a oportunidade também de estar frente a frente com o entrevistado podendo ver suas emoções e ações no decorrer da entrevista.

Optamos pela realização de gravação de entrevista para nossas coletas de dados, com base em roteiro semiestruturado, a fim de deixar o entrevistado livre para responder as perguntas e expor suas opiniões sobre o assunto pesquisado. Ao refletir sobre esse tipo de instrumento de pesquisa, Gonçalves, Souza e Reis (2017, p. 179-180) destacam que:

[...] a entrevista semiestruturada é considerada um instrumento essencial para a pesquisa qualitativa, por se tratar de uma técnica que se baseia no diálogo descontraído, em um bate papo que é de total controle do pesquisador. Este, por sua vez, se apoia em um roteiro que foi previamente elaborado, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Os participantes da pesquisa foram alguns representantes da comunidade escolar de educação infantil, do município de São Gabriel do Oeste – MS, sendo uma gestora, uma professora e quatro familiares, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa

IDENTIFIC A. SUJEITOS	CARACTERÍSTIC AS	IDADE ANOS	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	NOMENCLATURA FAMILIAR
MÃE 1	MÃE DE MENINA JARDIM II	22	PRIMEIRO DO FUNDAMENTAL	DO LAR	MÃE, PAI, DOIS FILHOS
MÃE 2	MÃE DE MENINA BERÇÁRIO I	32	SUPERIOR COMPLETO	PROFESSOR A	MÃE, PAI E FILHA

AVÓ	AVÔ DE MENINO PRÉ-II	41	SÉTIMO ANO	DOMESTIC A	BASTANTE GENTE
PAI	PAI DE MENINO DE MATERNAL	25	ENSINO MÉDIO COMPLETO	AUXILIAR DE PRODUÇÃO	PAI, MÃE E FILHO
PROFESSOR A	PROFESSORA DO BERÇÁRIO II	38	SUPERIOR COMPLETO PEDAGOGIA	PROFESSOR A	---
GESTORA	DIRETORA DA INSTITUIÇÃO	52	GRADUADA EM PEDAGOGIA, ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA	DIRETORA	---

Fonte: Autoras (2019).

Para a realização da pesquisa de campo, inicialmente foi feito contato com a Secretaria Municipal de Educação, explicado os objetivos da pesquisa e combinado sobre a instituição pública de educação infantil que poderia ser feita a pesquisa. Posteriormente, foi feito contato com a instituição, agendado horário, para então serem gravadas as entrevistas, individualmente, com cada um dos participantes. Os resultados da pesquisa, bem como a análise dos dados, são apresentados na sequência.

Resultados e discussões

Os dados obtidos por meio da pesquisa de campo, encontram-se organizados em três momentos diferentes: inicialmente analisaremos as representações sociais dos participantes sobre a manifestação da sexualidade na infância; em seguida abordaremos sobre as práticas educativas utilizadas pela instituição de educação infantil para trabalhar sobre a sexualidade com as crianças; por fim, analisaremos os nomes ou apelidos, que são utilizados pela comunidade escolar, para denominar os órgãos genitais, feminino e masculino, conforme apresentado na sequência.

Durante a realização da coleta de dados, todos os participantes foram indagados se já perceberam alguma situação que se caracterizasse como curiosidade das crianças em relação à sexualidade, e a maioria reconhece que já observaram comportamentos dessa natureza, como foi destacado pela Professora, que apensar de trabalhar com uma turma de berçário II, percebe algumas situações que se caracterizam como curiosidade infantil sobre o corpo humano ou sobre a sexualidade. Assim ela argumenta:

De vez em quando você pega um e outro encima das bonecas, beijando, acariciando... A gente tem um aluninho, que ele não pode deitar no tatame, que ele começa ficar assim no tatame [mexendo nos genitais], o tempo todo. Tem vez que você tem que tirar ele, colocar ele nas brincadeiras, mas ele volta pra lá. Então não sei se ele... Acho que eles sentem aquela coisa, aquela curiosidade ali, agora se eles sabem o que é, eu não sei muito bem (PROFESSORA).

A Professora menciona também que na hora do banho, ela percebe algumas manifestações, como risadas, por exemplo, quando as crianças olham os genitais de outras colegas, e também alguns olhares curiosos. Contudo, as crianças não se tocam em nenhum momento. De forma semelhante, a Gestora relata que há sim curiosidade e, por esse motivo, o professor da sala não pode descuidar porque os alunos ficam querendo olhar o corpo uns dos outros: “Eles têm uma curiosidade muito grande, em saber o que a menina tem e o que o menino tem” (GESTORA).

Também o Pai entrevistado afirma que acredita sim que as crianças têm curiosidades em relação à sexualidade, visto que seu filho, mesmo pequeno, costuma tocar os próprios genitais e tal comportamento representa a curiosidade que surge desde a infância. Já para a Avó, as crianças estão evoluindo em relação à sexualidade e a escola é uma das grandes responsáveis por tal evolução.

[...] Os jovens de hoje tem... [falado mais sobre sexualidade], antigamente não, mas hoje têm... Porque as escolas hoje em dia já ensinam, né. Antigamente a gente não aprendia nada disso né, e hoje não! Mas eu acho até bom que as escolas ensinam sobre isso com as crianças, porque eles já aprendem crescendo, o que é certo o que é errado, né (AVÓ).

A Mãe 2 acredita que a sexualidade na criança começa a se manifestar a partir dos quatro anos, porém só desperta, de fato, depois dos sete, oito anos. Ela afirma que já presenciou situações que envolvem a descoberta da sexualidade na infância: “Um menininho beijando uma menininha, deitando em cima [...] porque com certeza viu alguma coisa em casa, alguém fazendo movimentos sexuais. Então, está bem cedo o negócio hoje em dia” (MAE II).

Nota-se que realmente as pessoas que convivem com as crianças percebem que a sexualidade é despertada precocemente e que se trata de um aspecto que é inerente ao ser humano, mais especificamente à criança. Tal pressuposto confirma o que Freud (1926) postulou, de que a sexualidade começa a se manifestar na criança por volta dos quatro anos de idade.

Em contrapartida, uma das mães entrevistadas disse que não percebe nenhuma curiosidade ou atitude de sua filha que se caracterize como descoberta da sexualidade. Ela não percebe nem um tipo de comportamento da filha, nem em relação ao próprio corpo da criança e nem em relação a outras pessoas que com elas convivem.

Dessa forma, evidencia-se que, entre os participantes da pesquisa, alguns acreditam que as crianças possuem curiosidades comuns para a idade delas, alguns ainda imaginam que as crianças estão adiantadas em relação a essa temática ou que são muito pequenas para ter esse tipo de curiosidade, tratando-se de uma representação social de que a criança deve manifestar sua sexualidade o mais tarde possível. No entanto, Bortotto (2014, p. 8-9) enfatiza que:

Alegar que a sexualidade inicia-se na puberdade, condicionada ao pensamento de que sexualidade e sexo são as mesmas coisas, muitas vezes esses termos são confundidos, mas sexo é apenas uma das formas de se manifestar a sexualidade, a sexualidade é uma busca por prazeres, não somente os sexuais, mas qualquer tipo de prazer.

O fato de acreditar que a sexualidade tem relação com o ato sexual, faz com que muitas pessoas pensem que não deve ser falado, discutido e muito menos ensinado para criança, por se tratar de um assunto que historicamente foi visto como um tabu que não deve ser comentado. No entanto, as crianças estão mais comunicativas e conseqüentemente mais curiosas e, sendo assim, é melhor desenvolver atividades educativas que sanem as dúvidas das crianças e ainda contribuam para que aprendam sobre a sexualidade de forma correta.

Quanto à prática educativa desenvolvida na instituição de educação infantil, em que a pesquisa foi realizada, foi possível notar que, diante das dúvidas e curiosidades infantis sobre o corpo e a sexualidade, foram pensadas, por parte da gestão escolar e das professoras, em algumas iniciativas que parecem ter resultado em aprendizados relevantes para as crianças. Assim, a gestora explicou que em uma determinada sala havia muitas curiosidades em relação aos órgãos genitais de meninas e meninos, porque os alunos queriam descobrir as diferenças entre os sexos. Então, a gestora e a professora da turma resolveram buscar uma forma de sanar essas dúvidas, utilizando, como prática inicial, o banho em uma boneca e um boneco que tinham genitais. Durante o banho, foi sendo explicado como eram os corpos feminino e masculino.

Porém, como foi percebido que a curiosidade permanecia, foi feita a opção por levar dois bebês do berçário, um do sexo feminino e outro masculino, para então as crianças da pré-escolar dar um banho coletivo para sanar todas as dúvidas. A Gestora relata que “[...] foram trazidas crianças do Berçário I, que têm quatro ou cinco meses, bem pequenininhos..., e foi levado com uma banheira dentro da sala de aula e dado banho. E foi dito ‘Essa é uma menina! Esse é um menino’. Aí eles ajudaram a dar banho!” (GESTORA). Com essa atividade, a gestora e professora da turma perceberam que toda a curiosidade das crianças daquela sala acabou, indicando que se trata de uma prática educativa que teve um resultado positivo na educação infantil. Lembrando que, conforme os PCNs, a escola deve criar condições para que as crianças possam esclarecer suas dúvidas, relativas ao corpo e sexualidade, de forma a contribuir com o alívio das ansiedades que costumam interferir na aprendizagem dos conteúdos curriculares (BRASIL, 1997).

A Professora também afirmar que tem algumas estratégias, diante da curiosidade das crianças sobre a sexualidade, para que compreendam que se trata de um aspecto que faz parte da vida de todos os seres humanos. Dessa forma, a docente prefere levar para o lado das brincadeiras, ao invés de criar situações polêmicas.

Nós conversamos muito com eles, né, se tem tipo, eles estão beijando a boneca, a gente fala “Ah, que gotoso! O papai está dando beijo na filinha” Entendeu? A gente muda todo o rumo da conversa, a gente está vendo que é para o outro lado, mas daí você muda todo o contexto da história. “Ah que bonitinho!” Então tem vez que eles [meninos] pegam e coloca a boneca para mamar, aí a gente fala: “Olha que legal, que o papai está ajudando a mamãe!” E assim a gente tenta né, trabalhar de um jeitinho que eles não percebam que a gente está vendo aquilo. A gente leva para o outro lado, né (PROFESSORA).

Quando se trata dos familiares das crianças, eles relatam não ter conhecimento sobre o trabalho da escola em relação à sexualidade, uma vez que, tanto o Pai, quanto a Mãe I, a Mãe II e a Avó, afirmam que nunca foram comunicados que as crianças tiveram ou que têm aulas ou projetos sobre a sexualidade de seus filhos.

De acordo com Rodrigues e Wechsler (2014, p. 98), “[...] a escola é o lugar na qual a criança recebe com maior intensidade as noções sobre sexualidade. Portanto, o ambiente escolar assume uma função importante na educação sexual, tendo como papel a orientação de crianças nos aspectos afetivos e cognitivos”.

Todos os sujeitos concordam que esse assunto deve ser tratado na escola e que se trata de uma iniciativa importante para o desenvolvimento infantil. Perguntamos então, como eles acreditavam que a sexualidade deveria ser discutida, quando surge na sala de aula algum tipo de dúvida. A Professora compreende que, como na educação infantil as crianças são pequenas, deve-se buscar uma maneira “[...] mais simplificada possível, para que elas consigam entender”, seja por meio de projetos, músicas e brincadeiras, mas que não se deve esconder o assunto durante a infância, porque quando se esconde gera mais curiosidade. Assim a Professora comenta: “[...] se você esconde, acha que aquilo ali tem alguma coisa, porque está escondendo, se você já mostra ou já fala desde a primeira vez, acaba a curiosidade delas. Elas já saciam a curiosidade e percebem que..., vê que aquilo ali não é..., né!” (PROFESSORA).

O Pai acredita que se deve falar abertamente sobre sexualidade com as crianças, mas que existe uma idade adequada, que é a partir dos doze anos. Já a Avó entende que, como já está tudo liberal, a escola não pode proibir esse tipo de ensino. A mãe I acredita que a escola deve trabalhar esse assunto, mas os temas que serão trabalhados dependem também da idade dessas crianças: “[...] ensinar como que é que a criança tem que agir, ensinar as coisas certas né, ensinar tudo, que tudo tem sua idade, para namorar tem sua idade, assim por diante” (MAE I).

Diante desses relatos, podemos perceber, mais uma vez, a representação social, de que falar de sexualidade é falar de sexo, de namoro e, com isso, quando se pensa em discutir sexualidade com crianças, muitas pessoas já imaginam que poderá estimular os pequenos a namorar ou a ter pensamentos que não são considerados apropriados para determinadas idades na infância. Porém, como propõe Moscovici (1976, p. 39), a representação social tem “Sua posição mista na encruzilhada de uma série de conceitos sociológicos e de conceitos psicológicos”.

A Mãe II, da mesma forma, compreende que o conteúdo sobre sexualidade a ser trabalhado na escola, depende da idade das crianças, mas que tem que ser abordado, para que elas tenham pelo menos algumas noções importantes.

Ai, eu acho que não deveria ir muito afundo, por causa da idade deles, eu acho que a escola tem que trabalhar tudo, não é responsabilidade dela educar sobre isso, mas sim informar sobre isso, né. Isso tem que ser trabalhado em casa, com o pai e a mãe, ou as mães ou os pais, mas tem que informar sim, o quanto antes melhor. A gente vive em um mundo tão “moderno”, tem que ter pelo menos um norte para começar. (MÃE II).

De acordo com Maio (2011), os pais e professores ainda têm receios de falar sobre sexualidade com as crianças e, muitas vezes, reprimem as possíveis discussões ou diálogos, possivelmente por entender que não se trata de uma abordagem apropriada para a idade.

[...] com mais de 20 anos de trabalho em escolas, foi possível perceber que alguns pais e mães, bem como professores e professoras, demonstram insegurança, medo dificuldade, e até reprimem o/a aluno/a ao tratar de assuntos relacionados à esfera sexual (MAIO, 2011, p. 179).

Essas atitudes, destacadas pela autora, podem ser percebidas nas afirmações da Avó, que admite preferir que a escola mesmo aborde sobre esse assunto, porque ela, Avó, não se sente muito a vontade em falar sobre a sexualidade: “É..., hoje as escolas trabalham! Eu acho importante, porque as crianças têm que crescer sabendo tudo isso, porque as vezes, bom... eu que sou do tempo meio antigo, eu fico meio retraída de falar certas coisas [risos]”.

Cabe ressaltar que o ensino sobre temas inerentes à sexualidade humana deve que ser trabalhada de forma natural e gradativa com as crianças, em conjunto com pais e escola, a fim esclarecer que se trata de um aspecto que faz parte da vida humana e que precisa ser conhecido, já desde a infância. Porém, se, ao contrário, se diante de uma manifestação sobre sexualidade infantil, os adultos agirem de forma agressiva ou punitiva, demonstrando que se trata de um ato “feio”, ou “vergonhoso”, tais pessoas adultas perderão a chance de educar as crianças de uma maneira clara, objetiva e de uma forma mais apropriada. Dessa forma, a escola e a família devem estar juntas, uma apoiando a outra para desenvolver atividades relativas à educação sexual, visto que: “Os pais precisam tratar os assuntos mais individuais e profundos, já a escola deve trabalhar de maneira geral e superficial, tratando assuntos de cunho social e convívio entre ambos os sexos.” (RODRIGUES; WECHSLER, 2014, p. 91).

Ao analisar as transcrições das entrevistas, foi possível notar que a maioria das pessoas evita falar o nome verdadeiro dos órgãos genitais, os quais costumam ser substituídos por várias outras denominações. Mesmo quem afirma trabalhar o nome correto com as crianças, como é o caso da Professora, no decorrer da entrevista utiliza diversos apelidos, evidenciando que não estava habituada a falar os termos científicos como parecia, pois em vários momentos da entrevista, acabava falando algum apelido e, em seguida, se retratava. Desse modo, a Professora ao ser indagada se ela se sentia a vontade para falar os nomes corretos dos genitais com as crianças, ou seja, pênis para os meninos e vagina e vulva para as meninas, a docente afirmou que sim, que falava o nome correto e explicava para as crianças a finalidade dessa parte do corpo: “A gente trabalha com eles o nome, né, a gente diz: ‘Olha, agora nos vamos desenhar a menina, aqui temos o bracinho, aqui tem a perna, aqui é a vagina da menininha! Já o menininho tem pênis...’. A gente já fala o nome correto com eles, a gente sempre trabalhou assim”. A Professora também cita que os alunos aceitam tranquilamente falar o nome correto dos genitais, e que apresenta os nomes de forma lúdica, na rotina do dia a dia, para que as crianças entendam em seu próprio estilo de linguagem.

A gente trabalha através do desenho ou da boneca. A gente dá banho na boneca e diz: “Vamos lavar o bracinho, vamos lavar a vagina na boneca, o pênis do menino!” Então eles falam: “O pipi?” Eles falam e dão risada. Eu digo: “É o pipi sim, mas do menininho é pênis e da menininha é vagina.” E aí a gente dá banho na boneca, faz desenho do corpo humano, mostra fotografias, trabalha através de músicas as partes do corpo... Eu percebo que é bem tranquilo, eles adoram (PROFESSORA).

Podemos notar então alguma forma de contradição no relato da Professora, porque ela cita que sempre trabalha os nomes corretos, mas em alguns momentos acaba reforçando os apelidos ditos pelas crianças. Tal pressuposto pode também ser percebido em outro comentário da Professora, quando ela comenta sobre as curiosidades em relação à sexualidade, que já foram demonstradas por sua filha. A educadora diz que costuma perguntar para a filha no momento do banho: “Já lavou sua chereca?” A filha então corrige: “Não é minha chereca, mãe! Minha professora falou que é vagina!” Então a mãe responde: “Ah, é mesmo! Esqueci [risos]”. Também em outros momentos, durante a entrevista, a Professora começa a falar algum apelido e logo se corrige, para dizer pênis ou vagina.

O Pai também faz uso de apelidos para falar dos genitais do filho, quando ele relata que a criança demonstra curiosidade sobre o corpo, pois pega em seu “pipi” e fica mostrando para as pessoas.

A Gestora, ao comentar se ela se sente a vontade em falar sobre a sexualidade com as crianças, demonstrou ter alguma insegurança, visto que inicialmente diz que não são falados os nomes corretos dos genitais, no momento em que são realizadas algumas atividades relacionadas ao corpo humano. Posteriormente, a Gestora gaguejou bastante para dizer que as professoras até falam os nomes corretos, mas que, devido aos costumes que as crianças já trazem de casa, normalmente elas continuam usando diversos apelidos.

Elas [professoras] não falam o nome científico, né, elas não fala o nome. Ou melhor, elas até falam o nome, mas as crianças, com as vivências delas em casa, acabam usando os nomes ou os apelidos que a gente dá, né. Mas as professoras falam, sim, o que é. Elas falam exatamente o que é, para as crianças gravar (GESTORA).

Percebemos então que os apelidos, que fazem parte do senso comum, e que são utilizados para denominar os órgãos genitais feminino e masculino, encontram-se enraizados em nossa cultura e, geralmente, esses apelidos têm a ver com o que se espera de um homem ou de uma mulher, ou seja: para mulher usa-se muito diminutivo, já para homem, apelidos que mostre força e virilidade, conforme destaca Xavier Filha (2011, p. 85):

Os apelidos para o pênis dizem respeito à sua anatomia e por isso são designados por bichos como serpente, minhoca e anaconda, bem como a armas ‘pau, cacete’. Os atribuídos à vulva referem-se a bicho peçonhento (perereca, sapo) ou fofinho (borboleta), estes quase sempre escritos no diminutivo.

A autora também aponta que, em uma pesquisa realizada com crianças sobre a sexualidade, obtiveram inúmeros termos usados para nomear os genitais: “Dezessete apelidos foram dados à vulva, órgão genital feminino, e 34 para o pênis” (XAVIER FILHA, 2011, p. 85). Parece então que falar a nomenclatura correta dos genitais é vergonhoso, e até errado, e que os apelidos são comuns, mais bonitos e menos ofensivos. Tratam-se de representações sociais que internalizamos desde a infância, porque crescemos vendo nossos familiares inventando nomes para mascarar o nome real de nossos órgãos genitais e na escola os professores costumam fazer o mesmo. Assim, essa atitude acaba sendo reforçada e

reproduzida pelas novas gerações, como se fosse anormal ou estranho denominar os órgãos genitais pelos nomes verdadeiros.

Considerações finais

Por meio do estudo realizado, e diante do objetivo proposto para este estudo, podemos afirmar que a sexualidade da criança está presente no dia a dia e também no contexto escolar. Então, cabe aos profissionais da educação estar preparados para lidar com tal realidade, evitando assim que as crianças passem essa fase de descobertas cheias de dúvidas e curiosidades. Dessa forma, os professores devem criar maneiras de trabalhar esse assunto de forma tranquila, passando assim segurança para os alunos e liberdade para ele expressarem o que sentem. Os educadores devem estar cientes da importância de se tratar de assuntos inerentes à sexualidade humana na instituição escolar.

A família, como parte da comunidade escolar, deve também educar as crianças sobre assuntos relativos à sexualidade de forma a esclarecer as dúvidas de maneira correta, deixando de lado suas crenças, ou sabedorias popular e entender que sexualidade não é sinônimo de sexo explícito, mas sim sobre a descoberta do corpo e das sensações que ele provoca.

Sabemos que historicamente falar sobre a sexualidade, ainda mais com crianças, causa estranheza e certo receio. No entanto, a família como o primeiro espaço onde a criança aprende deve estar preparados para falar sobre a temática, buscando sempre tratar o assunto como algo simples e natural, também utilizando as nomenclaturas corretas ao se falar, por exemplo, dos nomes dos genitais.

Acreditamos que uma criança bem informada, além de evitar uma série de problemas em relação à falta de conhecimento sobre seu próprio corpo, pode crescer um adulto livre de tabus e preconceito quando o assunto é sexualidade.

Referências

BÍSCARO, C. R. R. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2009.

BORTOTTO, L. F. P. **Estudo sobre o tema sexualidade com os alunos do ensino fundamental na EMEF “Adirce Cenedeze Caveanha”**. Monografia (Especialização em Ensino de Ciências) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4340/1/MD_ENSCIE_2014_2_52.pdf> Acesso em: 15 ago. 2019.

BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, DF: MEC, 1971.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 10, p. 112-128, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

CESAR, M. R. A. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educação em Revista**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 ago. 2019.

FREUD, S. Parte do livro de Freud: "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", 1926. Traduzido e publicado no Brasil pela Editora Imago. **Portal Gens – Serviços educacionais**. Disponível em: <http://files.circulodefisofia.webnode.com/200000068-8a9b48b950/a_sexualidade_infantil_freud.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GONÇALVES, J. P.; MATHIAS, E. L. U. As tecnologias como agentes de mudança nas concepções de infância: desenvolvimento ou risco para as crianças? **Horizontes**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 162-174, set./dez. 2017.

GONÇALVES, J. P.; SOUZA, V. C. S.; REIS, M. G. F. A. Gestoras municipais de educação infantil: (des) confiança no trabalho realizado por homens educadores. **Interações**, Portugal, v. 13, n. 45, p. 172-191, 2017. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/9571>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MAIO, Eliane Rose. **O nome da coisa**. Maringá: UniCorpore, 2011.

MARTINS, J. A. Pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

MOSCOVICI, S. **A social psychological analysis**. London: Academic Press, 1973.

NUNES, C. SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, D. C.; PONTES, A. P. M. de; GOMES, A. M. T.; SALGADO, L. P. P. Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes. **Esc. Anna Nery - Rev Enferm, Rio de Janeiro**, v. 13, n. 4, p. 817-823, out./dez. 2009.

Josiane Peres Gonçalves, Crislaine Aragão Teles Santos.

RODRIGUES. C.P, WECHSLER. A. M. **Caderno de educação**: ensino e sociedade, Bebedouro-SP, v. 1, n. 1, p. 89-104, abr. 2014.

SAYÃO, R. Saber o sexo: os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997. p. 97-105.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. 14. ed. Petrópolis: Ed. do Autor, 1995.

WEREBE, M. J. G. **Sexualidade, política e educação**. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

XAVIER FILHA, C. Representações de corpo masculino e feminino em pesquisa com crianças. **Revista Faced**, Salvador, n.19, p.75-89, jan./jun. 2011.